

Abaixo, segue um texto sugerido para o 9º ano. Ao lermos um texto, devemos sublinhar aquilo que consideramos importante e central para a compreensão de sua mensagem e também buscar os significados das palavras que não conhecemos:

O dia em que a Grécia antiga temeu que uma doença arruinasse sua democracia¹

Confiança mútua e liberdade de informação protegeram o sistema político ateniense naquela época

É uma das descrições mais explícitas de uma sociedade desabando sob o peso de uma doença virulenta [causada por um vírus] encontradas na literatura. Em 430 a.C. [antes de Cristo], segundo ano de sua guerra contra Esparta, a vibrante cidade de Atenas foi atingida por um mal que causava pânico, desespero e a perda da fé em instituições e valores sagrados. Os sintomas incluíam uma febre fora de controle, ânsia e convulsões. De acordo com Tucídides, “a catástrofe foi tão terrível que os homens, sem saber o que lhes aconteceria em seguida, se tornaram indiferentes às regras da religião e da lei”.

No seu relato, Tucídides situa imagens horripilantes da peste imediatamente após uma oração pelos mortos em guerra comandada por Péricles. Talvez a ideia da comparação seja enfatizar a destruição causada pela doença. Mas há um consolo: pesquisas modernas indicam que o historiador da antiguidade estava enganado, e apesar da documentação ser incompleta, hoje acredita-se que a crise é na verdade uma prova da resistência da democracia ateniense, e não de sua fragilidade.

Foi sem dúvida um episódio que levou a cidade a reavaliar sua posição. Atenas, estrela entre as cidades-estado gregas, foi profundamente afetada pela doença. A epidemia foi o primeiro evento de uma sequência catastrófica que duraria três décadas: erros de cálculo militares, uma violenta guerra civil,

golpes de força, e a rendição à Esparta em 404 a.C. Os espartanos enviaram homens armados para fechar a assembleia da cidade e impor um regime autoritário. Aos que assistiam tudo em primeira mão, a impressão deve ter sido a do fim do primeiro experimento mundial de governo popular.

Mas tal conclusão seria precoce. A peste de Atenas e sua sequência não foram um evento destruidor se comparadas à peste posterior que teve início em 540 a.C. [antes de Cristo], mantendo-se recorrente por mais de dois séculos e destruindo o mundo romano tardio, ou a Peste Negra, que começou perto de 1350 d. C [depois de Cristo] e quebrou a sociedade feudal europeia. Em Atenas, a democracia foi mais forte que a doença; de acordo com Josiah Ober e Federica Carugati, da Universidade Stanford, em estudo a ser publicado, em vez de ruir, o sistema ateniense evoluiu.

É verdade que pelo menos um quarto dos cerca de 300 mil habitantes da cidade e seus arredores morreu—muitos, de acordo com livro recente de Ben Akrigg, da Universidade de Toronto, por causa do incapacidade no fornecimento de comida, e não por causa da doença em si. Mas há evidência da solidez das instituições atenienses. Pensemos no destino de Péricles, eleito como um dos dez comandantes militares da cidade em cada um dos 30 anos precedentes. Conforme a raiva se acumulou, ele foi deposto antes do fim do mandato—mas graças a um procedimento democrático, e não por uma multidão furiosa. No ano seguinte, foi reeleito, mas acabou morrendo de peste.

Ou pensemos na continuidade da vida artística na cidade, incluindo festivais anuais de teatro que exigiam uma vasta e cara organização. Como aponta Jennifer Roberts, da City College of New York, os atenienses foram presenteados em 429 a.C., um ano após o início

¹ Texto publicado originalmente no The Economist e tradução publicado no jornal O Estado de São Paulo [adaptado]

da epidemia, com a peça “Édipo Rei”, marco da literatura mundial. Seu retrato de um rei que tenta acalmar a fúria de Apolo, que assumiu a forma de uma peste mortífera, encontrou um público que suspeitava que sua cidade tivesse ofendido ao deus, e por isso teria recebido a epidemia. Em meio ao caos dos 30 anos seguintes, os dramaturgos [autores de peças de teatro] seguiram produzindo tragédias comoventes e farsas divertidas.

Virtudes da democracia

Para Ober, a chave dessa resiliência [capacidade de se adaptar a uma situação difícil] estava na “vantagem democrática” desfrutada pelos atenienses, algo em comum com outras sociedades baseadas na liberdade de expressão e nos direitos universais. “Somos uma democracia”, disse Angela Merkel aos alemães na semana passada. “Não chegamos aos resultados pela força, e sim pela cooperação e compartilhamento do conhecimento.” Muito disso também valia para a antiga Atenas, que no seu auge defendia o discurso da verdade, acreditando que as boas informações expulsariam as ruínas.

Aquilo que a cidade fazia melhor, como as montagens de teatro, a construção de navios e o treinamento de sua tripulação, eram atividades que exigiam recursos do governo e contribuições voluntárias dos ricos—algo que hoje chamaríamos de parcerias público-privadas. E, apesar do desgaste, essas atividades e a sensação de confiança mútua e serviço público que as sustentava durou durante a peste. Por exemplo, contrariando as expectativas, em 429-428 a.C. os atenienses venceram uma batalha naval contra uma frota do Peloponeso perto de Patras.

Essas virtudes democráticas perderam força nos anos depois da peste, às vezes dominados por líderes arrogantes, mas não desapareceram. Ajudou o fato de os oligarcas [pessoas que eram contrárias à democracia] que tomaram o poder em 411 a.C. serem incompetentes, durando apenas alguns meses—e, após um breve período de guerra civil, os

espartanos aparentemente perderam o interesse nos assuntos de seus adversários vencidos. Em seguida a democracia foi restaurada em Atenas. Para sobreviver, ela se adaptou.

Além dos méritos artísticos, o brilhante século quinto antes de Cristo teve o apogeu do povo, o corpo de cidadãos formado por homens livres dotado do poder de conduzir a cidade. No século quarto, menos brilhante, o povo era equilibrado com um processo judicial prevendo multa e até execução de um cidadão que assumisse na assembleia conduta enganosa para o povo ou em desvio das leis.

A julgar pelo caso ateniense, após uma terrível epidemia, a tolerância às decisões impensadas diminuiu. Enquanto isso, ainda que a perda de mão de obra tornasse difícil a condução da guerra, táticas prudentes e uma diplomacia inteligente permitiram que uma Atenas reformada recuperasse o poder de influência na interminável disputa entre cidades-estado gregas.

O impacto da peste, que teve surtos ao longo de muitos anos, não deve ser subestimado. Foi parte de uma reação em cadeia que levou ao fim do império de Atenas. Mas a vontade de viver da cidade era tal que ela resistiu, mais ou menos democraticamente, por mais oito décadas, até suas liberdades serem finalmente suprimidas pela Macedônia em 322 a.C. Hoje, essa resistência é um antecedente que traz tanto conforto quanto o glorioso auge ateniense.

Após a leitura de um texto, é muito importante refletir sobre ele. Converse sobre as questões abaixo com alguém ou escreva um pouco sobre elas no seu caderno:

- 1) Sobre o que fala o texto?
- 2) Você observa alguma semelhança na situação ocorrida na Grécia com a que vivemos atualmente? Quais são essas semelhanças?
- 3) O que podemos aprender com os gregos para aplicarmos na situação que vivemos atualmente?